Ensaio para uma Edificação do Vazio

O paradigma do silêncio ocupado.

Exigências exteriores são vedadas à entrada. É-se recto por vocação e a aridez é redução formal que há tanto tempo se desejava. Diz-se o mínimo para que a percepção fenomenológica tenha atmosfera para se declarar.

A natureza cinética tem a sua gramática gerativa própria que assenta no revelar da forma. A verticalidade certifica-se através da *falibilidade* quando encontra na pintura o exaltar da visão. O que antes era diálogo entre códigos que interagiam sem termos de existência, incorporando-se e desistindo da sua individualidade, agora com o silêncio estes demonstram a robustez da sua índole. Extensões aparentemente planas ligam campos de edificação crónica de limpeza formal. A geometria do autor tem ângulos próprios de manifestação de independência. Há a coragem de se *Ser* especifico, claro e simples. Todavia, trata-se de um universo sinuoso de incitamentos e persistências retinianas. É um aclamar às situações de sempre, em separado, à composição – princípio constituído, o orgânico – substâncias organizadas e sincrónicas, e as linhas que atribuem o suporte para esta integridade trivial. A paleta depurada acentua o discurso, uma estreia na limitação sóbria, séria e imparcial da selecção. O meio determina a atitude. O momento é de peculiar centro, uma vez que a essência não se consome no diálogo... mas assume sim, o seu interior próprio, recatado, repleto de multiplicidade.

O que residia outrora mantém-se, sem qualquer *desculpa*. Tudo é linha veiculadora para a transparência. Há agora um acesso meticulosamente próximo que deixa desambiguar a estrutura forte da concepção, como uma lente para a raiz dos sujeitos. As formas definidas já não concordam com a ilusão emocional, aquela que a pintura veste como bordão para lograr emoções imediatas e prontamente anunciadas. A ilusão óptica, aquela que nos transporta para as várias realidades em suspenso, incute-se.

Interrompe-se a mente célere, exigindo a participação activa do contemplador, para que este desagúe no depurar da geometria escondida que trespassa e se desloca de um nível invisível para voltar mais tarde e mais tarde se concluírem em si. Trata-se de uma disciplina para a alma onde a expressão dá lugar à visualização. Depura-se o todo para que a respiração óptica possua o seu espaço devido e a pureza da forma se clarifique. O ritmo hipnótico, estático e repetido é o contexto ideal para a participação na narrativa, para que se escolha um lado através de pequenas insinuações. Fracções de vida banal que assim se concluem.

Susana Chasse